



JORNAL DA UNICAMP

ED. 711

Campinas, 19 de agosto a 1º de setembro de 2024

www.jornal.unicamp.br

O ser e o tempo de Fausto Castilho **6a8**



Lume, dos palcos às práticas pedagógicas **2e3**

Brasil abriga conchas mais antigas do planeta **5**

Biografia detalha vida e a Genebra de Saussure **10**

Migração e os discursos que delimitam barreiras **4**

'Cidade-jardim' seduz elite do interior de SP **9**

Em azulejos, vultos da história idealizada **12**

Da presença cênica à me

Grupo Lume vai sistematizar práticas pedagógicas por meio de projeto temático

ADRIANA VILAR DE MENEZES
avilardemenezes@unicamp.br



O corpo em cena tem nele inscrita a sua memória. É no encontro do corpo-arquivo com o corpo-observador – na relação entre artista e espectador – que acontece a arte cênica, a arte do encontro, a arte presente. Tomando o conceito de presença como alicerce, o Lume (Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Teatrais da Unicamp) enlaça três processos – o pedagógico, o criativo e o de memória – em um projeto de pesquisa temático da Fundação de

Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp).

O projeto Pedagogias, Processos e Arquivos da Presença parte das vivências práticas das quase quatro décadas do Lume – a se completarem em 2025 – para trabalhar nessas três frentes. A acadêmica fará a sistematização da metodologia de ensino. A criativa realiza uma pesquisa de campo para a elaboração de novas ações artísticas ou novos espetáculos. E a de arquivamento performativo se faz em parceria com a Universidade de Ghent (Bélgica), consistindo na gravação das *performances* do grupo com o uso da tecnologia de captura de movimento (*mocap*, no acrônimo em inglês), a ser transposta para um modelo digital. A primeira fase de gravação já foi realizada, incluindo a fase de registro vocal.

“Essa é a primeira vez que lançamos um olhar mais específico e minucioso sobre as práticas pedagógicas, a principal vertente do projeto temático. Mas tudo está muito interligado. Os processos artísticos geram processos que vão ser transmitidos e entram nesse processo pedagógico”, explica Ana Cristina Colla, atriz e pesquisadora integrante do Lume há mais de 30 anos. “Trata-se de uma pedagogia impressa no corpo, porque a nossa pesquisa está no nosso corpo.”

O núcleo é formado por seis artistas-pesquisadores: a citada Colla, Carlos Simioni, Jesser de Souza, Raquel Scotti Hirson, Renato Ferracini e Ricardo Puccetti. Além deles, participa também a artista colaboradora Naomi Silman. A equipe inclui ainda profissionais de recursos humanos, administração, assessoria, produção audiovisual, arquivo e apoio à pesquisa e extensão.

Aprovado em 2023, esse é o terceiro projeto temático Fapesp do Lume, que tem até 2027 para concluí-lo. A ação ocorre sob a coordenação de Ferracini, Colla e Hirson. “Somos um núcleo que pesquisa teatro e nosso foco é a atuação, particularmente a questão da presença, que é um conceito muito complexo de se trabalhar”, especifica Ferracini. “É na relação entre todas essas complexidades históricas, conceituais, artísticas e poéticas que nós recortamos nossos projetos. O Lume é esse grande lugar de encontros e de pesquisa dentro desse campo.”

Espera-se que todo o projeto temático resulte em um novo livro, que pode ser o 12º do grupo, além de artigos e outras formas de transmissão de conhecimento. “O Lume é um grande exportador”, diz Ferracini. “Exportamos uma tecnologia humana e poética.” Na visão de Colla, para além de uma forma especial de criação, o Lume tem um modo de viver e de entender a vida a partir de suas criações e dos coletivos.

A peça *Kintsugi, 100 memórias* (2019), diz Colla, é um exemplo de como o grupo faz seu trabalho de campo e pesquisa e de que maneira poetisa esse trabalho. “São cem objetos de memórias, sejam elas pessoais, da história do grupo, da história do país ou das pessoas que encontramos em nosso caminho na pesquisa de campo sobre Alzheimer. Esse é um modo também de construir essa dramaturgia estilizada, que o espetáculo sintetiza.” Isso explica a necessidade de fazer o enlace dos processos, na visão de Hirson. “Temos que estar em cena, em contato com as pessoas. É ali que a gente entende o que está fazendo, para quem está fazendo e o que isso está gerando.”

Processos pedagógicos

Na sistematização da pedagogia, os pesquisadores do Lume incluíram a participação de artistas de outras universidades e outros países. “O olhar sobre as nossas pedagogias não será somente o nosso olhar sobre nós mesmos. O projeto temático nos permite convidar outros profissionais, que já começaram a vir em fevereiro de 2024, na imersão anual da Jornada Internacional de Atuação e Presença, que realizamos desde 2010. Eles participam de nossos cursos, que duram em média nove dias, acompanham nossas



Cenas da peça *Kintsugi, 100 memórias*, apresentada pelo Lume na sede do grupo, no distrito de Barão Geraldo: carga poética em

práticas, para depois escreverem a partir de seus referenciais”, conta Hirson. “É no encontro que as coisas acontecem e se potencializam”, completa Colla.

Durante o evento, o grupo trabalha o conceito de “aprendizagem inventiva”, uma espécie de conhecimento corpóreo criado na relação afetiva do encontro. A proposta é a cocriação com o “outro” na geração de um corpo/pensamento. Os pesquisadores que chegam para observar os cursos são de diversas universidades e de diversos países, entre os quais Bélgica, Portugal, Inglaterra, Cuba, Costa Rica. Também participam artistas de outros Estados brasileiros, como Rio Grande do Norte e Rio Grande do Sul. Os pesquisadores do Lume, complementarmente, dão cursos nas universidades parceiras.

“Além do registro teórico e escrito, nós acreditamos muito nessa experiência corpo a corpo, de troca. Todos esses anos que recebemos centenas de pessoas que passam por



A atriz Ana Cristina Colla: “É no encontro que as coisas acontecem e se potencializam”



Renato Ferracini: “A metodologia do Lume é dinâmica e está em constante atualização”



Raquel Scotti Hirson: “Temos que estar em cena, em contato com as pessoas”

Fotos: Antonio Scarpinetti



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor Antonio José de Almeida Meirelles Coordenadora Geral da Universidade Maria Luiza Moretti Pró-Reitor de Desenvolvimento Universitário Fernando Sarti Pró-Reitora de Pesquisa Ana Maria Frattini Fileti Pró-Reitor de Graduação Ivan Felizardo Contrera Toro Pró-Reitor de Extensão e Cultura Fernando Antonio Santos Coelho Pró-Reitora de Pós-Graduação Rachel Meneguello Chefe de Gabinete Paulo César Montagner Chefe de Gabinete Adjunta Adriana Nunes Ferreira

JORNAL DA UNICAMP

Secretária Executiva de Comunicação Christiane Neme Campos Editor-chefe Álvaro Kassab Editora Raquel do Carmo Santos Chefia de reportagem Rachel Bueno Reportagem Adriana Vilar de Menezes, Carmo Gallo Netto, Felipe Mateus, Hebe Rios, Helena Tallmann, Hélio Costa Júnior, Juliana Franco, Liana Coll, Mariana Garcia, Marina Gama, Paula Penedo Pontes, Silvio Anuniação, Tote Nunes Fotos Antoninho Perri, Antonio Scarpinetti, Lúcio Camargo Projeto gráfico Luis Paulo Silva Editores de arte Alex Calixto de Matos, Paulo Cavalheri Atendimento à imprensa Ronei Thezolin Revisão Júlia Mota Silva Costa, Rodrigo Campos Castro Coordenadora do núcleo audiovisual Patrícia Lauretti Supervisora de TI Laura de Carvalho Freitas Rodrigues Acervo Maria Cristina Ferraz de Toledo, Sergio de Souza Silva Tratamento de imagens Renan Garcia Redes sociais Bruna Mozer, Octávio Augusto Bueno Fonseca da Silva Serviços técnicos Alex Matos, Claudia Marques Rodrigues, Elisete Oliveira Silva, Guilherme Pansani, Mateus Fioresi, Selvino Frigo Impressão Gráfica Pigma Correspondência Cidade Universitária “Zeferino Vaz”, CEP 13081-970, Campinas-SP. O Jornal da Unicamp é elaborado pela Secretaria Executiva de Comunicação (SEC) da Unicamp. Periodicidade quinzenal.

mória de corpo presente

Fotos: Antonio Scarpinetti



Foto: Bruno Freire/Divulgação



Atores do Lume participam de gravação na Universidade de Ghent, na Bélgica: tecnologia de captura de movimento



trabalho de campo

aqui, eles são nossos propagadores. Essa é uma espécie de continuidade e reelaboração”, afirma Colla. O processo inclui ainda entrevistas com os alunos dos cursos.

Para Ferracini, o objetivo não é realizar uma pesquisa que potencialize somente o próprio corpo. “Essa questão pedagógica está muito baseada na potencialização desse outro corpo, que vem nos procurar, como artista ou espectador.” De acordo com os pesquisadores, a metodologia do Lume é dinâmica e está em constante atualização. “Talvez não sejamos únicos, mas nosso processo é singular.”

Os exercícios próprios para atuação também passam por transformações. “Desenvolvemos ao longo dos anos um treinamento que é próprio de ator e atriz. Muitos deles seguem, mas mudaram, de acordo com a nossa experiência, a maneira de ver o trabalho e de entender o que nos importa”, diz Hirson, que vê uma junção entre os processos criativo e pedagógico. “De alguma maneira, a gente cria uma obra artística, mas ela é documental, no sentido de que ela pode contar sobre o processo criativo, de pesquisa.”

Na prática artística, portanto, há também muita renovação, mas a estrutura se mantém. “A peça *Café com Queijo* [1999], por exemplo, não mudou enquanto estrutura do espetáculo, mas vem amadurecendo e envelhecendo junto com os nossos corpos. É o mesmo que acontece com os cursos, porque fazemos junto com os alunos.”

De acordo com Colla, essa proposta pedagógica tem sido costurada ao longo do tempo. “Compartilhamos isso em nossos livros, nas demonstrações de trabalho, nas viagens, nas assessorias ou nos festivais, mas ainda não tínhamos feito nada específico sobre esse processo pedagógico e sobre o que tem de particular nesse modo de transmissão que o Lume trabalha.” A prática pedagógica acontece para além de quatro paredes. “Trata-se de particularidades sobre as quais nós queremos falar”, diz a atriz, reforçando uma premissa fundante do Lume de que cada experiência deve ser compartilhada. Esse tem sido um dos pilares do grupo, que passará agora por um período de análise e sistematização.

Investigação poética

No Lume, os processos são entendidos como investigações poéticas, diz Ferracini. Para a segunda vertente do projeto Fapesp, o grupo realiza uma investigação desse tipo sobre as invisibilidades da morte. “Os espetáculos do Lume são assim. Nunca montamos uma dramaturgia pronta, um texto teatral. Isso é sempre resultado de uma pesquisa, em vários níveis, dentro ou fora de sala de aula”, afirma Colla.

Ainda em início de trabalho de campo, nessa criação específica sobre a invisibilidade da morte, os atores-pesquisadores estão ouvindo pacientes e profissionais da saúde do Hospital de Clínicas (HC) da Unicamp e do Serviço de Assistência Domiciliar (SAD) da prefeitura de Campinas. “O que nos interessa não é a morte em si, mas justamente a potência de vida que acomete essas pessoas nesse momento, essa intensificação”, afirma Ferracini.

“Na montagem de *Café com queijo*, fomos ao Tocantins, a Goiás, ao Amazonas e a todo o interior do Brasil. Fizemos vários trabalhos de campo para nossas criações artís-

ticas. Quando estamos em campo, não temos certeza do que vai acontecer. Só sabemos que isso resultará em um processo criativo”, explica Hirson.

Arquivamento performativo

A terceira linha do projeto é o arquivamento performativo do corpo, que está sendo realizado junto à Universidade de Ghent, mais especificamente com o Department of Art, Music and Theatre Sciences e o Institute for Psychoacoustics and Electronic Music, na Bélgica. Em um superlaboratório, os atores-pesquisadores do Lume tiveram seus movimentos gravados a partir da captação por sensores. A tecnologia *mocap* vai levar os movimentos para a realidade virtual, o que permitirá que sejam reproduzidos em 3D.

Na primeira etapa, os atores-pesquisadores do Lume ficaram na Bélgica por 15 dias, durante o mês de março. “Gravamos muita coisa”, diz Ferracini. “Fizemos desde exercícios técnicos até ações físicas que cada ator tem no seu repertório e que normalmente vem do trabalho de treino ou de espetáculos”, lembra Colla. “Gravamos também ações vocais faladas e cantadas, porque temos um grande repertório de canções”, acrescenta Hirson.

A Universidade de Ghent também convidou atores e atrizes do Odin Teatret, da Dinamarca, uma referência mundial quando se trata das artes cênicas, para gravar em *mocap*. O material bruto das gravações está na Bélgica, para análises e recriações. O Lume vai retornar ao país europeu para realizar novas gravações e acompanhar o processo de arquivamento. Antes mesmo de sua conclusão, o projeto já teve desdobramentos com propostas para uma nova etapa de pesquisa, na qual o foco devem ser as canções e as sonoridades.

Os pesquisadores acreditam que essas ferramentas tecnológicas tornam mais potentes o material arquivado, se compararmos esse material a um arquivo simples de vídeo ou de texto. “Temos um grande arquivo de fotografias e vídeos do nosso trabalho, mas essas imagens em *mocap* vão permitir a interação. O receptor vai se mover, porque a própria realidade virtual coloca o sujeito em outro lugar”, antevê Hirson.

Aniversário

Criado em 1985 pelo ator Luís Otávio Burnier, que deixou sua marca na história do teatro brasileiro, o Lume nasceu vinculado ao Instituto de Artes (IA) da Unicamp. Em 1988, o grupo apresentou seu primeiro espetáculo, com direção de Burnier, *Kelbilim*, o *Cão da Divindade*, peça solo encenada por Carlos Simioni, um dos fundadores do Lume e que ainda integra o núcleo. Burnier faleceu em 1995, aos 38 anos.

Para Ferracini, deve-se sempre lembrar que a estrutura do Lume, como um núcleo de pesquisa mantido pela Unicamp, com artistas pesquisadores que há décadas se dedicam ao estudo de um campo artístico específico, é única no Brasil, na América Latina e no mundo.

Quando criou o núcleo, Burnier queria que essa estrutura estivesse dentro de uma universidade justamente com esse propósito, lembra Hirson. “A transmissão de conhecimento nasceu junto com o Lume há quase 40 anos. Está no seu DNA.” A mimesis corpórea é uma das linhas de pesquisa proposta por Burnier, que se faz pela observação e a pesquisa de campo.

Parecia uma grande utopia criar um núcleo em que as pessoas estivessem juntas por um longo tempo, criando e se reinventando. De acordo com os atores-pesquisadores, são as ações práticas e conceituais que possibilitam essa utopia. “A utopia está em uma visão de futuro na qual a arte transforma o mundo”, diz Ferracini. A indagação inexorável vem em seguida: a utopia virou realidade?

“Utopia é um lugar que não existe. A visão oficial do Lume, que está no site, é a transformação da sociedade a partir da arte. Essa é uma visão utópica, porque a arte não transforma macroscopicamente a realidade, mas pode transformar microscopicamente”, resume.

Com sede fixa no distrito de Barão Geraldo (Campinas) desde 1995, perto do campus principal da Unicamp, o Lume é hoje reconhecido no Brasil e no mundo. O grupo já percorreu mais de 30 países oferecendo espetáculos, cursos e conferências. A comemoração dos 40 anos, no próximo ano, já teve início em 2024 com a apresentação do repertório teatral do grupo. O programa Lume em Casa começou em junho e se estendeu até outubro, patrocinado por um edital da Lei Paulo Gustavo.

Foto: Marcelo Camargo/Agência Brasil



Imigrantes venezuelanos embarcam em avião da Força Aérea Brasileira, em Boa Vista, com destino a Manaus e São Paulo, durante operação realizada em maio de 2018

Palavras que criam fronteiras

Análise léxico-gramatical de reportagens revela representações de migrantes e refugiados no Brasil

HELENA TALLMANN
helenalt@unicamp.br



IV PRADH
PRÊMIO DE RECONHECIMENTO
ACADÊMICO EM DIREITOS HUMANOS
UNICAMP - INSTITUTO VLADIMIR HERZOG

Discursos midiáticos a respeito de migrantes e refugiados colocam em xeque a imagem hospitaleira do Brasil e desmascaram uma série de atitudes excludentes que dificultam a adaptação dessas pessoas no país, considerando-as ameaças à segurança nacional e concorrentes no mercado de trabalho. Uma dissertação do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Unicamp se debruçou sobre o assunto e analisou jornais e portais noticiosos da Região Sudeste e da Região Norte a fim de descrever como foram representados a migração e seus sujeitos no período de 2015 a 2020.

Amazonense, Vivian Gomes Monteiro Souza presenciou de perto a intensificação dos fluxos migratórios para Manaus durante a graduação na Universidade do Estado do Amazonas (UEA), quando lecionou língua portuguesa em abrigos para venezuelanos entre 2019 e 2020. “Eles me relatavam que eram marginalizados, o que eu também via [no dia a dia]. Comecei a pensar que a forma como as pessoas falavam sobre eles era diferente da maneira como eles se identificavam no discurso em torno da migração”, afirmou a autora da pesquisa.

Isso despertou seu interesse para realizar a análise léxico-gramatical de reportagens online dos jornais *A Crítica* (Amazonas) e *Folha Boa Vista* (Roraima), do G1 (São Paulo), portal noticioso da Globo, e do portal UOL Notícias (São Paulo). “Escolhi trabalhar com o digital pelo fácil acesso das pessoas a essas representações que vão, progressivamente, gerando estereótipos em relação a esse grupo”, argumentou. O trabalho mapeou as principais temáticas presentes nos textos, descobrindo padrões linguísticos com o auxílio da linguagem de programação R, que posteriormente foram interpretados para entender os posicionamentos dos diferentes veículos a respeito do assunto.

A automatização de processos proporcionou a caracterização de padrões invisíveis a olho nu, disse Souza, que trabalhou com uma abordagem mista, quantitativa e qualitativa, fundamentando-se nas teorias da linguística do *corpus* e da linguística sistêmico-funcional – proposta alinhada com o grupo de pesquisa Mídia, Discurso, Tecnologia e Sociedade (Midites), no qual a dissertação está inserida.

“Nossas escolhas, mesmo que inconscientes, trazem embebedas em si o lugar que eu coloco o outro dentro de uma chamada hierarquia social. Por isso, buscar padrões é determinante para entendermos como essas

representações se dão”, pontuou o orientador da dissertação, Rodrigo Esteves de Lima-Lopes, professor do Departamento de Linguística Aplicada do IEL.

Para a pesquisadora, a possibilidade de estudar ambos os grupos, migrantes e refugiados, contemplando 192 reportagens publicadas ao longo de cinco anos, permitiu descobrir, por exemplo, que as percepções sobre esse grupo não se alteraram no período investigado. “Não se trata de uma situação que afeta somente os venezuelanos, mas também os sírios, os haitianos e outros que enfrentam questões similares de exclusão.”

Preconceito revelado

O mapeamento resultou na categorização de cinco tópicos: 1) adaptação ao país de migrantes e refugiados com o maior número de citações nas reportagens; 2) ações governamentais; 3) status legal de migrantes e refugiados; 4) intervenção política; e 5) migração venezuelana. A partir disso, segundo Souza, foi possível entender como ocorre esse novo movimento migratório (se os indivíduos estão sozinhos ou com familiares, seus meios de locomoção, a moradia etc.) e refletir sobre o que pode ser feito no momento de acolhimento dessas pessoas.

“Eu sou brasileiro e estou vendo meu país ser invadido por esses homens-bomba miseráveis que mataram crianças, adolescentes”: a frase é de uma reportagem do G1, destacada na dissertação para mostrar a caracterização de migrantes e refugiados e como se justificaria sua expulsão do Brasil. Nesse contexto, a pesquisa evidenciou os diferentes graus de preconceito sofridos por eles – baseados na nacionalidade, na capacitação profissional, nas condições socioeconômicas e na justificativa para a migração –, além de ações discriminatórias com base na raça e no gênero, em desfavor de negros e mulheres.

Em outro exemplo, desta vez do UOL, um senador afirmou que “a gente dá refúgio para gente do Haiti, onde teve terremoto, calamidade e a peste campeou”. Trata-se de uma maneira de argumentar que “questões políticas, como na Venezuela, não são consideradas válidas para o acolhimento, em comparação a uma guerra civil ou a um desastre humanitário”, esclareceu Souza.

A autora do estudo também identificou a estrutura dos discursos jornalísticos a respeito da atuação governamental – que priorizaram a difusão de “feitos públicos e não necessariamente ações que contribuem para a adaptação do grupo” –, destacando, por exemplo, a quantidade de dinheiro investido ou a quantidade de migrantes ou refugiados recebidos, reforçando erroneamente a visão de um país hospitaleiro.

A pesquisadora ressaltou que, em termos linguísticos, há, nos textos, recorrências de verbos relacionados

à descrição de atividades (como “fugir”, “chegar”, “trabalhar” e “morar”) – “o que, de certa forma, é utilizado nos jornais como um recurso para atestar as ações negativas atribuídas a esses grupos”.

Some-se a isso, conforme a autora do trabalho, o fato de as reportagens não darem voz aos migrantes e refugiados ou de utilizarem recortes com viés negativo. “Pouco é dito sobre o que eles pensam e como podem colaborar para a mobilização de recepção e de representação.” Apesar de não terem sido uma surpresa – uma vez que “o contexto político, social e econômico do Brasil já nos mostrava a tendência para a desvalorização do migrante e do refugiado”, de acordo com Lima-Lopes –, esses resultados contribuem para “explicar detalhadamente como esse fenômeno acontece e qual a diferença entre os jornais de cada região”.

A dissertação venceu em 2024 o Prêmio de Reconhecimento Acadêmico em Direitos Humanos (Pradh), uma iniciativa da Unicamp e do Instituto Vladimir Herzog, na categoria Artes, Comunicação e Linguagem. De acordo com Souza, esse reconhecimento amplifica a voz dos migrantes e refugiados, inserindo-os no processo de produção de conhecimento e de políticas públicas e sociais. Um esforço que ela assumiu também no doutorado hoje em andamento na Unicamp e no qual estuda a visão desse grupo acerca da sua adaptação ao país, por meio de entrevistas concedidas a museus brasileiros.



Vivian Gomes Monteiro Souza, autora do estudo, na cerimônia de entrega do Prêmio de Reconhecimento Acadêmico em Direitos Humanos: testemunhando a marginalização

Grupo identifica no Brasil as conchas mais antigas da Terra

Fotos: Divulgação



Artigo quebra paradigma relacionado ao surgimento dos animais e sobre como pensamos o tempo geológico

A pesquisadora Luana Morais durante trabalho de campo em área de mineração na Serra da Bodoquena; no destaque, aspecto de rocha fossilífera em afloramento

ELIANE FONSECA DARÉ
Especial para o *Jornal da Unicamp*

O surgimento dos primeiros animais capazes de biomineralizar, ou seja, produzir esqueletos, supõe-se ter ocorrido entre 550 milhões e 539 milhões de anos atrás, marcando a transição do Período Ediacarano, da Era Neoproterozoica, para o Período Cambriano, da Era Paleozoica. A importância dessa transição é tamanha que ela também marca uma mudança de éons, a maior hierarquia do tempo geológico. No Éon Proterozoico, dominavam a vida na Terra os organismos unicelulares. No Éon Fanerozoico, do grego “vida visível”, a biosfera terrestre passou a ser caracterizada por uma grande diversidade e uma grande distribuição geográfica de organismos multicelulares, incluindo os animais.

Para descrever a história da Terra, cientistas estudam as posições estratigráficas das rochas sedimentares – uma espécie de empilhamento de camadas de rocha que pode guardar fósseis em sua composição. Quanto mais baixo nas camadas estratigráficas, mais antigo é o fóssil. A *Cloudina sp* é um dos primeiros fósseis de organismo multicelular biomineralizado identificado em várias partes do mundo, tornando-se um fóssil-índice do intervalo de tempo entre o final do Ediacarano e o início do Cambriano.

Foto: Antonio Scarpinetti



O professor Bernardo Tavares Freitas: descoberta traz implicações significativas para a evolução da biomineralização

Um artigo publicado recentemente na *Scientific Reports*, uma revista do grupo Nature, apresenta um estudo no qual um grupo de pesquisadores brasileiros encontrou e datou fósseis de conchas em uma unidade geológica localizada abaixo da ocorrência da *Cloudina sp*. O achado sugere que uma população muito diversa de organismos biomineralizadores interpretados como animais já habitavam nossas terras antes da *Cloudina*, há 571 milhões mais ou menos 9 milhões de anos.

Dentre os pesquisadores envolvidos na descoberta está o docente do Departamento de Geologia e Recursos Minerais do Instituto de Geociências (IG) da Unicamp Bernardo Tavares Freitas, cujo trabalho principal consistiu em estabelecer o contexto sedimentar e estratigráfico e contribuir com a datação dos fósseis. A datação teve papel importante na descoberta, pois permitiu aos pesquisadores confirmarem a posição estratigráfica das amostras. Freitas destaca o ineditismo dessa posição estratigráfica das conchas identificadas na Serra da Bodoquena, entre os municípios de Bonito e Bodoquena, no Mato Grosso do Sul (MS).

“Os fósseis não só foram encontrados abaixo da *Cloudina sp*, como ocorrem em rochas que têm uma idade radiométrica [idade calculada a partir do decaimento radioativo do urânio para chumbo] cerca de 30 milhões de anos mais antiga do que a idade até então atribuída para o aparecimento de fósseis similares no mundo”, afirma o pesquisador.

O reconhecimento dos fósseis resulta do trabalho que a pesquisadora Luana Morais realizou em seu doutorado e pós-doutorado dentro de um projeto temático liderado por Ricardo Trindade, do Departamento de Geofísica do Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas da Universidade de São Paulo (USP), um projeto financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp). Morais estava à procura de organismos unicelulares capazes de biomineralizar quando identificou os novos fósseis no Mato Grosso do Sul. As amostras foram coletadas e estudadas pela pesquisadora entre 2017 e 2021.

De acordo com Morais, a descoberta traz implicações significativas para a evolução da biomineralização e para a correlação de rochas de mesma idade no mundo. Essa descoberta questiona, por exemplo, o uso de um grupo fóssil semelhante ao que foi descoberto, conhecido como *small-shelly fossils* (pequenas conchas fósseis), como mar-

cador temporal do início do Fanerozoico. “No mundo inteiro, existem camadas de marcadores temporais que se baseiam no registro fóssil e auxiliam no entendimento sobre como a vida evoluiu. Não só isso: também sobre como a vida responde ao e interage com o ambiente. Existe uma coincidência de aparecimento temporal que os pacotes sedimentares fossilíferos ao redor do mundo costumam obedecer. Descobrimos, no entanto, que aqui no Brasil não foi bem assim”, afirma.

O registro da transição entre o Proterozoico e o Fanerozoico também pode ter sido afetado por questões ambientais locais, como a química da água do mar, o contexto tectônico e o clima no passado, fatores que podem ter favorecido a diversificação da vida e a preservação desse registro. Assim, a descoberta reforça a ideia de uma transição gradual entre as biotas do Ediacarano e do Cambriano.

Para chegar à datação de ~571 milhões de anos, Freitas trabalhou em parceria com o Instituto Federal de Tecnologia de Zurique (ETH Zürich), parceria essa selada quando o docente ainda estava na Faculdade de Tecnologia (FT) da Unicamp. Pesquisadores do ETH Zürich submeteram lâminas das amostras de rocha a um feixe de laser acoplado a um espectrômetro de massa, aparelho que mede a quantidade de diferentes isótopos de urânio e de chumbo, permitindo datar a idade geológica delas.

“Essa idade de 571 milhões mais ou menos 9 milhões de anos, que para nós representa a deposição e/ou as primeiras alterações que o sedimento sofreu para se tornar rocha, foi calculada por meio de uma média ponderada de várias idades que obtivemos de diferentes amostras”, disse.

De acordo com Freitas, o material encontrado gerou uma quebra de paradigma. “Convencer as pessoas de que um grupo de pesquisadores brasileiros encontrou isso na América do Sul não é algo fácil”, afirmou o pesquisador. O grupo inicialmente teve dificuldades para publicar o artigo justamente por conta das implicações apresentadas. “O artigo teve sua primeira versão redigida em 2022 e só foi aceito em 2024 depois de os pesquisadores responderem a diversas perguntas de inúmeros revisores”, explica Morais. Estudos sobre os fósseis das conchas mais antigas do mundo seguem e em breve novos dados devem ser divulgados.

Biografia expõe múltipla

Fausto Castilho

Em *O pensador inquieto*, Ricardo Lima traça um perfil do filósofo que pensou a Unicamp e o Brasil

FELIPE MATEUS
felipeom@unicamp.br



vários aspectos fazem da Unicamp uma universidade que chama a atenção no cenário brasileiro. O traçado urbano de seu principal campus, no distrito de Barão

Geraldo, em Campinas, é um deles. Quem vê a Cidade Universitária “Zeferino Vaz” de cima observa que a distribuição de quadras, ruas e avenidas segue uma configuração radial, com uma grande praça ao centro, vias circulares concêntricas, como as ondas que se formam quando jogamos uma pedra em um lago, e vias radiais, que cortam as esferas. Para o leitor que se sentir confuso com a descrição, basta olhar o logotipo da Unicamp, uma projeção estilizada do traçado urbano do campus.

A arquitetura da Universidade não deriva de uma escolha casual. Ela decorre das ideias de Wilhelm von Humboldt, filósofo e linguista da antiga Prússia. O fundador da Universidade de Berlim, hoje conhecida como Universidade Humboldt de Berlim, defendia a ideia de que as universidades devem ser não apenas estabelecimentos de ensino, mas de ciência, onde professores e alunos estão constantemente estudando e aprendendo. Assim, a arquitetura desses locais deve favorecer o encontro e a convivência entre os diferentes atores do saber, promovendo a troca de conhecimentos.

O campus da Unicamp foi concebido segundo esse princípio. No núcleo, o Ciclo Básico, por onde todos passam e recebem uma formação inicial comum. Em seu entorno, institutos de ciência básica – matemática, biologia, filosofia, artes, física. E, no círculo mais externo, as unidades de ciência aplicada, como as engenharias e a medicina. Por trás desse sofisticado projeto, estava uma mente fervilhante: Fausto Castilho (1929-2015), filósofo e tradutor, professor emérito da Unicamp e um de seus fundadores, responsável pela organização de unidades como o Instituto de Economia (IE) e o Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH).

Na biografia *O pensador inquieto* (CMU Publicações, 2024), Ricardo Lima, jornalista e coordenador edito-

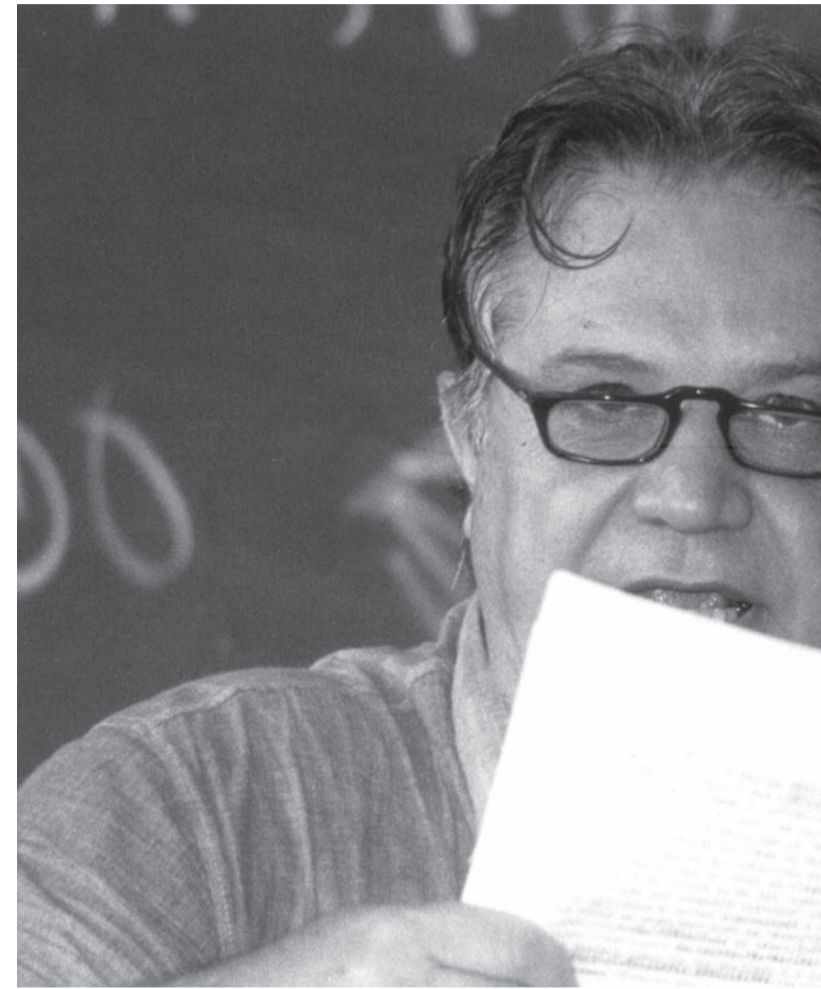
rial da Editora da Unicamp, recupera grandes momentos e realizações de Castilho, como sua formação na Universidade Sorbonne, em Paris, junto a grandes nomes da filosofia; a aventura de promover uma conferência de Jean-Paul Sartre no interior paulista; a tradução para o português de Martin Heidegger; e a disposição em refletir sobre o Brasil e suas elites. Ao longo de páginas que revelam aspectos interessantes de nossa história, Lima perpetua as lições deixadas por um intelectual conectado ao seu tempo, comprometido com as políticas de educação e cultura e que, desde os anos 1960, sabia que a ciência interdisciplinar é o que confere excelência às universidades.

Formado como poucos

Castilho nasceu em Cambará, no norte do Paraná, em berço de ouro. Filho primogênito de Andrez Castilho e Leonilda Tocalino e membro de uma família de prósperos fazendeiros, teria, se dependesse da vontade do pai, se dedicado à administração das propriedades da família. Ele, porém, teve a sorte de encontrar no avô Cesário o apoio necessário para dar asas a seu interesse pelo mundo intelectual. Estudou em São Paulo, no Liceu Franco-Brasileiro (hoje Liceu Pasteur), local onde experimentou o primeiro contato com a filosofia, por meio de uma aula sobre a *Carta VII*, de Platão.

A formação intelectual na São Paulo dos anos 1940 não se restringiu à sala de aula. O jovem Castilho conviveu com mentes de grande relevância, como Monteiro Lobato, Oswald de Andrade, Sérgio Milliet, Antonio Candido e Caio Prado. Graças aos mentores, o avô convenceu-se a custear a melhor formação em filosofia possível na época: na prestigiada Sorbonne, para onde Fausto partiu em 1948. Em Paris, teve a oportunidade de aprender e conviver com um verdadeiro panteão da filosofia francesa do século 20, como Gaston Bachelard, Jean Piaget – este suíço, mas com passagem pela Sorbonne – e Maurice Merleau-Ponty, mestre que o incentivou a ampliar sua formação frequentando, na Universidade de Freiburg, no sudoeste da Alemanha, um curso que seria ministrado por Martin Heidegger, importante filósofo alemão do século 20.

A experiência consolidou o espírito assertivo e a mente aberta com a qual Castilho desempenharia sua filosofia e intelectualidade. Apesar de ser o maior nome da filosofia alemã do período, Heidegger carregava a mácula de ter apoiado o nazismo. Em registros de entrevistas, Lima demonstra que a admiração de Castilho



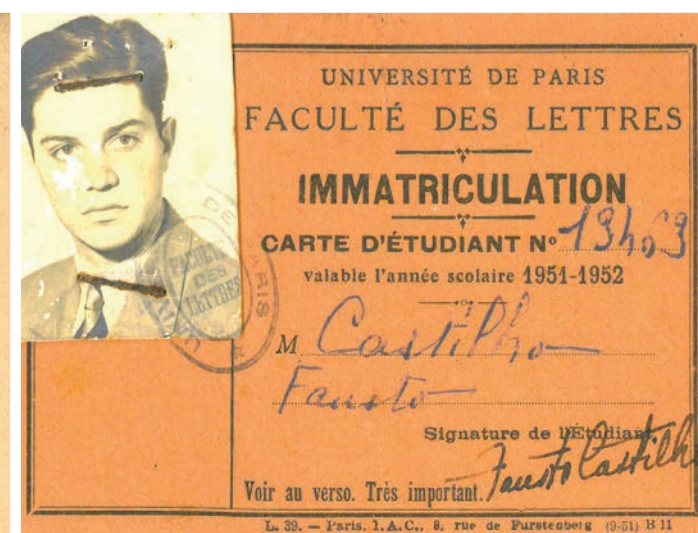
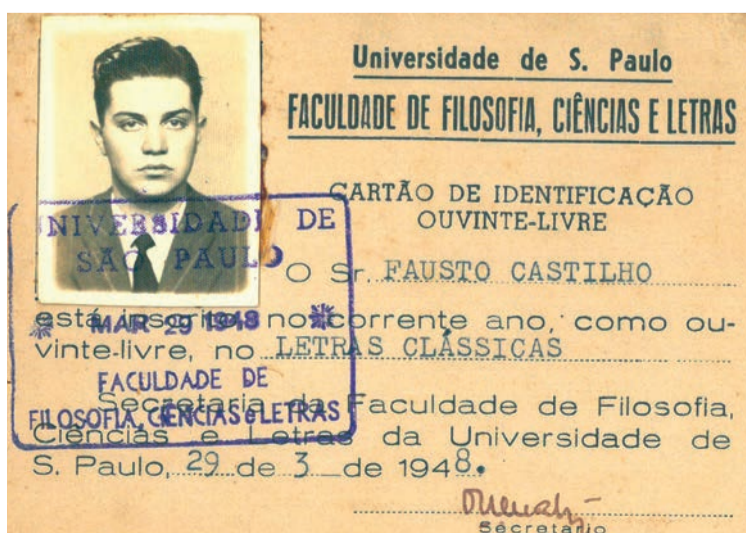
Fausto Castilho em dois momentos no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp.

pela filosofia do alemão não implicava uma adesão a suas ideias políticas, tal como havia ocorrido com alguns de seus discípulos. Nas palavras de Castilho, recuperadas por Lima: “É asqueroso o fato de ele [Heidegger] nunca ter devolvido a carteira do Partido Nazista. Trata-se, porém, do maior filósofo do século 20, e isso mostra que o maior filósofo pode ser politicamente tosco”.

Foto: Divulgação



Com Jean-Paul Sartre na conferência do filósofo francês na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) de Araraquara, em setembro de 1960



Carteiras de identificação de universidades em diferentes fases de Castilho; na sequência, USP, Sorbonne, Freiburg e Besançon

as facetas de

Fotos: Antoninho Perri



camp: intelectual comprometido com as políticas de educação e cultura

Valendo-se das reflexões de Heidegger, o jovem Castilho começou a pensar sobre o papel da filosofia no mundo científico. Para ele, a ciência tem a missão de encontrar soluções e propor caminhos mais fáceis para a humanidade. Já aos filósofos, cabe o caminho das pedras feito de levantar questionamentos.

Ao retornar ao Brasil, em 1954, Castilho abraçou importantes missões na difusão da cultura e do pensamento. Sua primeira parada foi à frente da Biblioteca Pública do Paraná, em Curitiba, quando transformou a instituição em um centro da vida cultural dessa cidade. Em seu currículo, Castilho registra também uma passagem pela gestão de Faria Lima na prefeitura de São Paulo. “Até por sua origem social, que lhe permitiu fazer a graduação na Sorbonne, Fausto poderia ter se fechado no mundo intelectual, estudando seus filósofos preferidos, sem se envolver na gestão pública e das universidades”, comenta o autor da biografia.

No meio universitário, uma de suas experiências marcantes deu-se como professor da então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) de Araraquara – hoje uma unidade da Universidade Estadual Paulista (Unesp) –, onde criou a cadeira de filosofia e promoveu uma das visitas mais ilustres da história da cidade: a de Sartre, o famoso filósofo existencialista francês.

A visita de Sartre e de Simone de Beauvoir, filósofa, escritora e sua companheira, ocorreu entre agosto e setembro de 1960. O casal, célebre à época, frequentou desde congressos e conferências até recepções e lançamento de livros, chegando a conceder entrevistas para jornais e emissoras de televisão. Durante essa agenda

Fotos: Reprodução/Divulgação

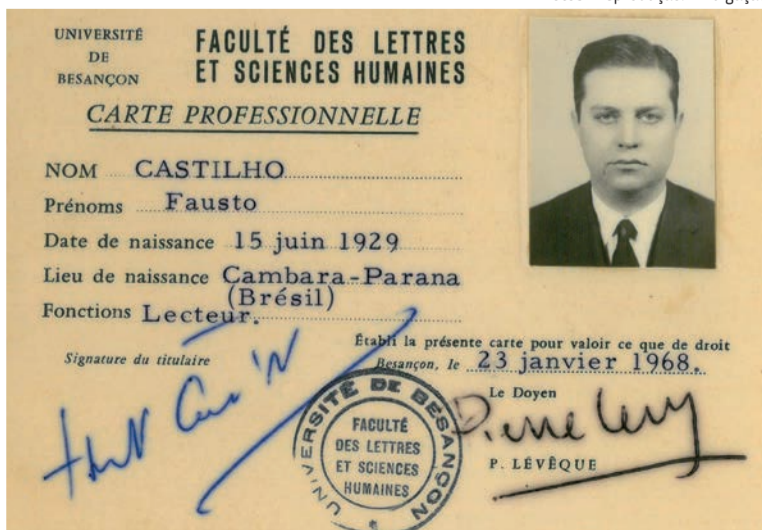


Foto: Lúcio Camargo

Ricardo Lima, autor da biografia *O pensador inquieto*: “Fausto deixou muita coisa escrita. Consegui ter acesso a vários textos que compõem seu acervo”

concorrida, Castilho teve a oportunidade de conhecer e questionar o francês a respeito de suas ideias. A resposta de Sartre veio em forma de conferência, ministrada na FFCL em 4 de setembro daquele ano.

O evento transformou-se em um marco no panorama da filosofia no país. Publicada mais recentemente pela Editora Unesp, a obra *Sartre no Brasil: A Conferência de Araraquara*, enriqueceu a obra sartreana e permitiu que mais pessoas tivessem acesso a seu pensamento. E também marcou a carreira de Castilho, que incluiu o existencialismo em seus estudos.

Ao longo das páginas da biografia dedicadas à conferência, Lima coloca, lado a lado, as ideias expostas pelo francês naquela noite e as reflexões feitas pelo brasileiro a respeito delas. “Fausto deixou muita coisa escrita. Consegui ter acesso a vários textos que compõem seu acervo. Eles explicam ideias complexas e facilitaram meu caminho”, comenta o jornalista sobre o hábito de Castilho de registrar toda sua carreira em textos, notas e observações. “Ele defendia que os professores transcrevessem suas aulas e as deixassem disponíveis nas secretarias, para consulta. Dizia que, se [Immanuel] Kant não tivesse transcrito suas aulas, hoje não teríamos acesso a sua obra.”

SOBROU ATÉ PARA O BNDES

Trechos de *O pensador inquieto*

Para finalizar este capítulo, um depoimento extremamente crítico de Fausto sobre a atuação do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, o BNDES. Temos, aqui, o retrato de uma personalidade: Fausto refletia lucidamente sobre a questão nacional; defendia-se lembrando que não era estudioso da área econômica, mas não hesitava em dar nome aos bois e em apontar como este país estava mal conduzido: “Ora, eu não entendo nada disso, eu sou curioso e eu acompanho realmente angustiado o que faz o BNDES, que foi erigido por Celso Furtado, Jesus Pereira, Dias Carneiro, isto é, por todos aqueles homens dos anos cinquenta [anos 1950], que sabiam que o banco seria riquíssimo, e de fato é um dos bancos mais ricos do mundo. Por quê? Porque ele recolhe o dinheiro do trabalhador e aplica no desenvolvimento, então é uma coisa que só tende a crescer. Agora, como ele pode perder tempo para financiar supermercado? Que contribuição o supermercado dá para a independência tecnológica do país?”

(...) Eu estive há tempos com um amigo que é jornalista, do *Estado de S. Paulo*, e ele me disse: ‘Fausto, por que você, com essas ideias sobre o BNDES, não manda uma carta para a Dilma?’. Eu respondi: ‘Porque aí eu teria que entrar para a política, o que eu não faria de jeito nenhum, pois eu deixaria de ter serenidade para estudar filosofia – como dizia o Galileu’. É por isso que eu nunca escrevi para ela, não é porque eu não tenho vontade, porque realmente é um desafio você colocar economista no lugar de engenheiro. Porque, quando se estuda a velha economia, vê-se que ela tinha uma preocupação política muito importante.

(...) Você sabe que a Embrapa se desenvolveu sem o apoio do BNDES? É um desafio. Felizmente, como eles estão no Rio de Janeiro, eles são forçados a ajudar no desenvolvimento da indústria petrolífera. Simplesmente porque moram lá, trabalham lá. Agora eles descobriram o pré-sal aqui em Santos, e corremos o risco de destruírem as praias do litoral com esse negócio de pré-sal, porque eles não desenvolveram tecnologia para isso. Enfim, por ambição ou bobagem, o BNDES está por trás de muitas coisas que não têm nada a ver com a independência do país e só dizem respeito ao mercado. É o jogo entre as empresas para ganhar dinheiro, ter lucros, mas participar desse jogo é um equívoco, porque você tem de cuidar primeiro da independência nacional – essa é a função do BNDES.

(...) E, no momento atual, eles reclamam muito de que o país está se desindustrializando. Pudera, pois o dinheiro que é arrecadado para o BNDES – que é a maior quantia arrecadada dos trabalhadores no mundo todo –, eles empregam nas indústrias de automóvel e montadoras, ao invés de produzir tecnologia. Elas estão há cem anos no Brasil e nunca patentearam um parafuso. Então, a culpa é de quem dirige o país, porque esse negócio de dizer que o responsável pela desindustrialização do Brasil é a China é uma piada de mau gosto. Como é que um país que é capaz de fabricar um avião como o Tucano, que é disputado hoje no mercado internacional – todo mundo quer comprar um Tucano –, pode se desindustrializar? Ora, o único compromisso que o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social deveria ter é com a independência nacional.”

(...) As reflexões de Fausto eram sempre voltadas para a construção de uma nação. Sua atuação como filósofo era exercida o tempo todo pelo cidadão que não se obstava a refletir e opinar sobre os acontecimentos cotidianos. Ele, desde sempre, desde o moleque de calças curtas que bateu à porta de Monteiro Lobato, teve um olhar muito atento no seu país. Interveio na administração pública, criou e dirigiu cursos e institutos, enroscou-se com burocracia, corporativismo, autoritarismos. Ativo intelectualmente, nunca deixou de ser um realizador, de pôr a mão na massa, de enfrentar as adversidades do Estado e tentar colocar em prática suas convicções.

Do campus radial a Heidegger

Continuação da página 7

O convite de Zeferino Vaz para que Castilho integrasse o grupo de notáveis encarregados da criação da Unicamp, feito em 1967, não ocorreu sem que o primeiro reitor conhecesse as credenciais do filósofo na formação de universidades. Além da experiência como docente junto à FFCL, ele também participou da concepção da Universidade de Brasília (UnB), a convite de Darcy Ribeiro, e atuou no primeiro projeto de uma Universidade Federal de São Paulo – interrompido após o golpe militar de 1964.

Em todas essas ocasiões, tentou emplacar seu projeto de campus radial, de acordo com as ideias de Humboldt, o que não foi diferente na Unicamp, instituição que mais se aproximou do que o filósofo considerava como ideal. “Fausto chegou à Unicamp com muitos privilégios porque Zeferino Vaz sabia que era preciso ter pessoas importantes para formar a Universidade que temos hoje”, avalia Lima.

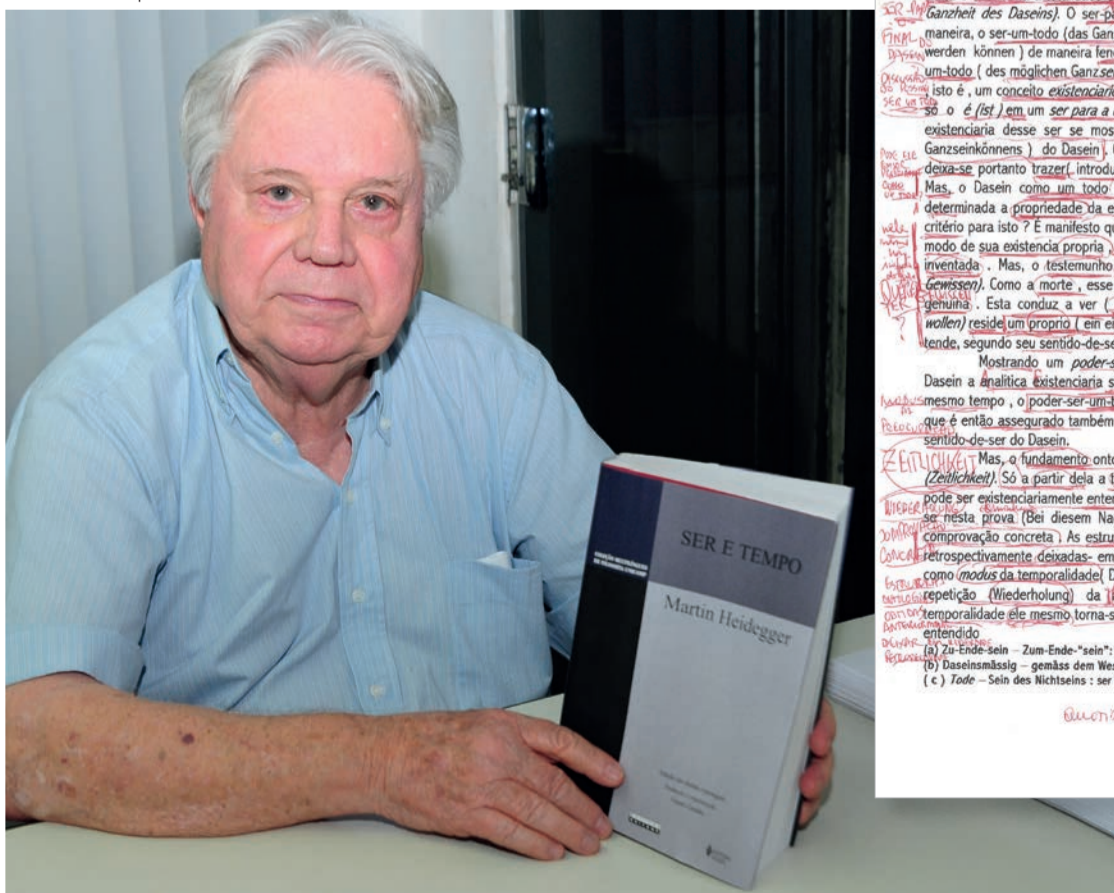
No projeto da Unicamp, Castilho seria responsável pela composição dos cursos, departamentos e unidades dedicados às humanidades. Assim, engajou-se na contratação de professores que formaram os atuais IE – pensado por Fausto como um grande centro de planejamento público –, IFCH e Instituto de Estudos da Linguagem (IEL). Além de acompanhar de perto a aquisição de livros e a assinatura de periódicos que formaram os acervos das bibliotecas dessas unidades. Para Castilho, as bibliotecas correspondiam a laboratórios das ciências humanas e, por isso, deveriam ser equipadas com o melhor que houvesse à disposição.

Entretanto o clima de paz entre Castilho e Vaz durou pouco. Baseado em registros da época e na narrativa de Eustáquio Gomes em *O Mandarim – História da Infância da Unicamp* (Editora da Unicamp, 2006), Lima mostra que os atritos entre os dois sobre o papel da Universidade levaram ao desligamento de Castilho, ainda em 1972. Após o imbróglio, ele lecionou na Escola de Comunicações e Artes (ECA) da Universidade de São Paulo (USP) e uma segunda vez na FFCL, já como unidade da Unesp. À Unicamp, só retornaria em 1985, quando passaram a ter destaque duas das atividades nas quais havia se tornado uma referência: a tradução de clássicos e a vontade de pensar o país.

Intelectual e tradutor

Coerente com sua própria concepção de universidade e de pesquisador, em sua segunda passagem pela Unicamp, Castilho mostrou-se um intelectual capaz de abraçar as questões do Brasil e do mundo. No fim dos anos 1980, dedicou-se ao estudo das elites brasileiras, ao

Foto: Antonio Scarpinetti



Fausto Castilho com exemplar de *Ser e Tempo*, de Heidegger; no destaque, rascunho da tradução com anotações do filósofo: 60 anos de trabalho



Castilho e Zeferino Vaz no aeroporto de Viracopos, em Campinas, antes do embarque para Besançon

mesmo tempo em que aplicava a essas empreitadas seu conhecimento filosófico. “Fausto dedicava-se a analisar fatos sem juízos de valor, sem apontar se eram bons ou ruins para o país”, salienta Lima. “Com todo seu repertório filosófico, capacidade de unir pontos e visão ampla, ele voltou seu olhar para as questões brasileiras, que parecem não ter nada a ver com a formação tradicional de um filósofo como ele.”

Outro destaque de sua carreira foram as traduções de grandes autores, como René Descartes, Karl Marx, Benedetto Croce e Kant. Seu maior feito nessa área: a tradução de *Ser e Tempo*, principal obra de Heidegger. Segundo os registros recuperados por Lima, o trabalho ocupou Castilho por cerca de 60 anos. A obra, bilíngue, foi publicada pela Editora da Unicamp em 2012.

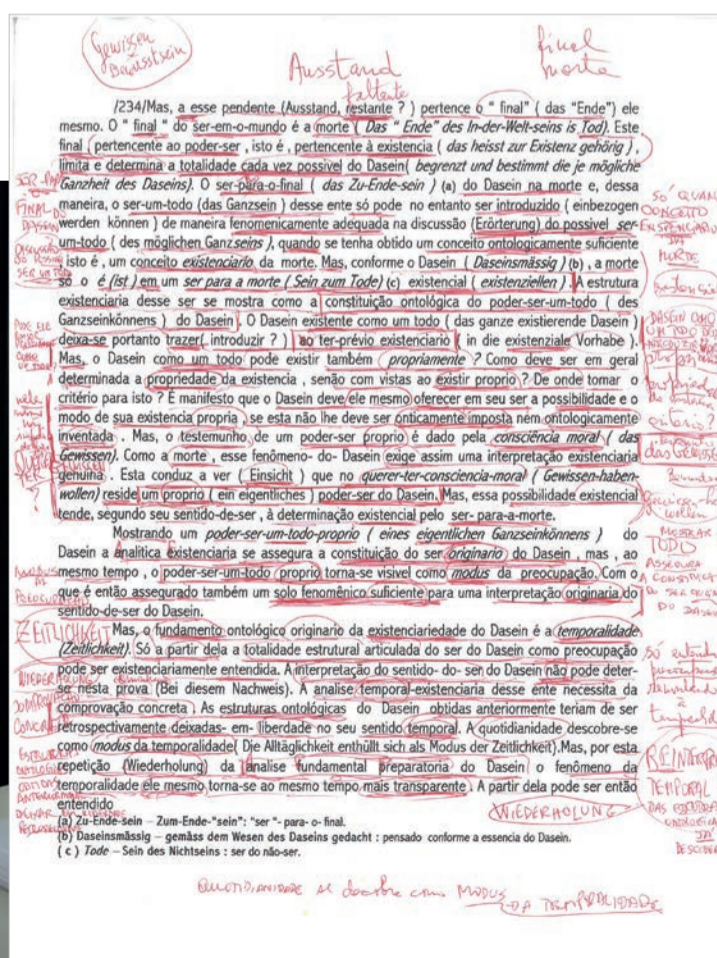
As traduções revelaram-se um componente especial de sua atuação, pois realizadas como um exercício constante de pesquisa e aprendizagem. “A tradução não significa apenas ter acesso ao pensador do outro idioma. Significa também ter um vocabulário em português para poder desenvolver esse pensamento”, explica o biógrafo ao lembrar que as traduções empreendidas por Castilho integravam seus cursos e orientações. “Fausto se dispunha a estudar os autores com seus orientandos. Por isso, se aventurava em traduzir as obras para auxiliá-los.”

Contar uma história

Esta não foi a primeira ocasião em que Lima se aventurou na missão de narrar a trajetória de um dos personagens fundadores da Unicamp. André Tosello (1914-1982), criador da Faculdade de Engenharia de Alimentos (FEA), em 1966, a primeira da América Latina dedicada ao setor, foi o primeiro a ser biografado por ele. A Editora da Unicamp lançou *Muitos: Uma Biografia de André Tosello* em 2014.

No entanto, apesar da experiência acumulada, no caso de Castilho o trabalho ganhou outros contornos. Lima manteve contato com o biografado entre 2008 e 2015, ano de sua morte. Na época, Castilho coordenava duas coleções de filosofia na editora da Universidade. “Durante o período em que convivi com Fausto, jamais imaginei que, um dia, faria sua biografia. Até porque, se eu soubesse disso, teria feito várias entrevistas com ele”, brinca o escritor ao lembrar que foi o próprio Castilho quem lhe descreveu o dia no qual, aos 14 anos, conheceu Monteiro Lobato.

A preparação para a empreitada contou com estudos a respeito do fazer biográfico. Entre passagens e conceitos apreendidos, Lima destaca a ideia de ser impossível biografar um personagem vivo, pois isso prenderia o autor a um suposto compromisso com alguma verdade defendida pelo biografado. “Essa obra é a minha visão sobre Fausto Castilho. Certamente, outros autores produziram obras diferentes.” Nesse sentido, apesar do desafio de mergulhar no universo filosófico e intelectual de Castilho, o autor sente-se aliviado por não ter escrito seu texto quando ainda convivia com o objeto de seus estudos. Ao fim e ao cabo, o fato de nunca ter imaginado que seria seu biógrafo veio a aliviar. (Felipe Mateus)



A utopia oferecida em lotes

Tese analisa empreendimentos imobiliários da Cia. City em três municípios do interior de São Paulo

HELENA TALLMANN
helenalt@unicamp.br

A expansão da Companhia City para além da capital paulista marcou a disseminação de um modelo único de negócio. Uma tese defendida na Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo (Fecfa) da Unicamp se dedicou a entender esse movimento de interiorização da empresa loteadora – responsável por bairros icônicos de São Paulo entre as décadas de 1910 e 1930, como o Jardim América e o Pacaembu. A pesquisa analisa, em especial, os empreendimentos realizados em Piracicaba, Ribeirão Preto e Barretos durante a década de 1970.

Fundada em 1911, com capitais ingleses e franceses, a Companhia City, ou Cia. City, é responsável por trazer para São Paulo o conceito de cidade-jardim, que se espalhou globalmente, um conceito concebido pelo inglês Ebenezer Howard no século XIX. “Trata-se do ideário de um espaço que mescla as vantagens da cidade com as do campo. Uma ideia utópica que acabou sendo cooptada por empresas interessadas em estruturar novos bairros e que começaram a implantar subúrbios na área de transição entre o urbano e o rural”, explica o professor orientador da pesquisa, Sidney Piochi Bernardini.

O modelo da cidade-jardim, ligado ao traçado “pinturesco”, traduz-se em projetos que respeitam a topografia do terreno e imitam as formas da natureza. E também privilegia as áreas verdes, propondo lotes maiores, com construções espaçadas entre si. Há uma preocupação com a tranquilidade e o silêncio, apartando as zonas residenciais das comerciais e proibindo a realização de certas atividades. Isso, no entanto, não signifi-



Foto: Acervo da Biblioteca da FAU-USP/ Fundo Severo & Villares

Vista aérea do bairro do Pacaembu no final da década de 1930: companhia incorporou conceito de cidade-jardim

ca um isolamento espacial, visto que “a companhia conseguiu incorporar os empreendimentos à cidade, em áreas bem centrais, diferente dos condomínios fechados que vieram depois. Inclusive isso é enfatizado na divulgação da empresa”, esclarece a autora da tese, Ana Carolina Capelozza Mano.

Para os pesquisadores, é interessante perceber que empresas como a Cia. City moldaram parte dos espaços urbanos, atuando como “concretizadora espacial para que a elite pudesse viver nos melhores pedaços da cidade – nem afastados, nem enclausurados, mas integrados”, afirma Bernardini. Um diferencial da companhia era a entrega de toda a infraestrutura pronta – em termos de eletricidade, saneamento, pavimentação, arborização etc. –, o que revela um padrão de qualidade espontâneo, pois tais medidas não constituíam uma exigência legal à época.

A companhia propunha, inclusive, parâmetros urbanísticos mais rígidos do que os previstos em lei – por exemplo, em relação ao recuo das casas, à taxa de ocupação e à altura do muro frontal. “A Cia. City se sobrepõe ao planejamento municipal quando registra suas próprias normas em cartório. Ou seja, mesmo se a legislação mudar, as regras são vitalícias – tanto que, até hoje, bairros como o Pacaembu estão intocados”, destaca Bernardini. Essa configura uma estratégia de negócio pioneira mantida durante a expansão da empresa rumo ao interior, atraindo compradores e inspirando iniciativas similares, segundo Mano.

Rumo ao interior

A tese ressalta que o período do “milagre econômico” brasileiro provou-se fértil para o desenvolvimento de empreendimentos focados em um público de alto poder aquisitivo. A primeira incursão da empresa fora da capital ocorreu ainda na região metropolitana de São Paulo, na década de 1960. Em seguida, a Cia. City migrou para cidades paulistas do eixo da Rodovia Bandeirantes – inaugurada no início da década de 1970, no contexto de uma reestruturação da capital a fim de integrá-la economicamente com o interior do Estado –, chegando até as três localidades analisadas. Nesse mesmo período, a companhia também atuou em municípios de Goiás, Santa Catarina e Minas Gerais.

A pesquisa identificou que o lançamento dos loteamentos em Piracicaba (1972), Ribeirão Preto (1977) e Barretos (1980) foi recebido com empolgação, resultando em um sucesso de vendas.



Fotos: Reprodução

Peças publicitárias publicadas em jornais de Barretos, Piracicaba e Ribeirão Preto: na esteira do sucesso paulistano

Parte desse êxito pode ser atribuída a uma estreita relação fomentada com o poder público, imobiliárias e a mídia – o que Mano denominou de “rito” de entrada da empresa em cada nova localidade. “Primeiro, ela trabalhava a divulgação dos marcos arquitetônicos desenvolvidos em São Paulo e depois anunciava a chegada à cidade.” Em suas peças publicitárias, a empresa buscava atrair jovens casais, destacando a qualidade de vida e a proximidade com a natureza. Em Barretos, por exemplo, esse grau de receptividade fica claro nos discursos elogiosos do prefeito da cidade, diz Bernardini: “É como se dissessem: ‘O que vocês quiserem, vamos resolver’. O papel do poder público é regular o espaço, mas a impressão é de que aconteceu o contrário”.

Apesar de se manterem dentro de um certo ideário arquitetônico e comercial, os bairros analisados são diferentes e se adaptam às demandas locais em termos de arquitetura e marketing. O loteamento de Barretos, por exemplo, remonta a algumas características do traçado pinturesco, enquanto os outros dois empreendimentos se afastam desse perfil, agregando influências funcionalistas afinadas com a noção de unidade de vizinhança, do arquiteto norte-americano Clarence Perry – como é o caso da implantação de eixos viários que conectam a cidade ao bairro.

Essas variações decorrem das especificidades locais e da autoria dos projetos, conforme aponta a pesquisadora, destacando a entrevista realizada com um dos arquitetos que trabalhou no projeto de Piracicaba, João Chadad. “Ele explica que sofreu influência do estilo modernista de Brasília e que começou a jogar alguns preceitos dentro dos conceitos da Cia. Então, cada um dos empreendimentos

podia incorporar um pouquinho [das ideias] dos arquitetos responsáveis pelos projetos.”

Para traçar a história da empresa, a pesquisa utilizou arquivos da Cia. City, documentos registrados em cartório, projetos arquivados nas prefeituras e materiais jornalísticos encontrados em arquivos públicos. A tese concluiu que a empresa desenvolveu uma estratégia própria para alavancar seus negócios até a década de 1970, mantendo-se fiel aos seus preceitos, mas, ao mesmo tempo, dando espaço aos anseios do mercado imobiliário. Os bairros da companhia em Piracicaba e em Ribeirão Preto mantêm suas características e o público-alvo originais. Diferente de Barretos, como pontua Mano: “Talvez por [esse projeto] ter sido lançado em outro contexto econômico, no final da década, ele tenha sido menos ocupado e, por isso, não está tão bem cuidado”.



Fotos: Lúcio Camargo

Ana Carolina Capelozza Mano, autora da tese: empreendimentos com regras vitalícias



O orientador da pesquisa, professor Sidney Piochi Bernardini: subúrbios entre o urbano e o rural

Além da vida e obra do linguista suíço, biografia aborda aspectos sociais e acadêmicos de Genebra

Livro esquadrinha trajetória de Saussure

MARIA VITÓRIA GOMES CARDOSO
Especial para o *Jornal da Unicamp*

O livro *Saussure*, de John E. Joseph, originalmente publicado em 2012, foi traduzido por Bruno Turra e publicado pela Editora da Unicamp em 2023. A obra, agora a primeira biografia de Ferdinand de Saussure em língua portuguesa, traz ao leitor não apenas um extenso trabalho historiográfico sobre a vida e a carreira do linguista suíço, mas também uma contextualização detalhada da vida social e acadêmica da época em Genebra.

Na entrevista a seguir, Turra fala sobre os principais desafios ao traduzir essa obra e a importância dela para o público brasileiro.

Jornal da Unicamp – O que o motivou a traduzir o livro e como se deu o processo de tradução?

Bruno Turra – A motivação surgiu de uma convocação. Em uma conversa com a professora Vanise Medeiros, falávamos de algum detalhe da vida de Ferdinand de Saussure e mencionei que aquilo era contado na biografia que, à época, só existia em língua inglesa. Ela, sem hesitar, disse: “E por que você não traduz?”. Essa convocação fez eco no meu percurso como pesquisador saussuriano.

O Brasil é, como Joseph diz em seu prefácio à edição brasileira, o local onde mais se produz acerca da história das ideias linguísticas e também acerca de Saussure. Entretanto há ainda muitos textos fundamentais desse campo aos quais só temos acesso em língua estrangeira. A biografia *Saussure* é um desses textos fundamentais e, a meu ver, merecia uma tradução.

JU – Quais foram os principais desafios?

Bruno Turra – Traduzir é sempre um desafio na medida em que sempre algo é perdido e às vezes se ganha algo. Dos desafios práticos envolvidos na tradução da biografia, eu destacaria, em primeiro lugar, o esforço de imprimir ao texto uma leitura agradável, como é o original. Outros dois pontos de atenção que tive durante o processo foram: a checagem dos textos citados, uma vez que a maior parte das citações provêm de textos franceses traduzidos para o inglês (para não fazer a tradução de uma tradução, recorri, nesses casos, aos originais); a manutenção do léxico saussuriano já estabelecido pela edição do *Curso de Linguística Geral* de 1970, para que o leitor do *Curso* leia a biografia sem sobressaltos e para que um eventual novo leitor da biografia leia o *Curso* sem tantos estranhamentos.



Ferdinand de Saussure em foto de 1910: obra do suíço tem lugar cativo nos cursos de linguística no Brasil

Houve apenas uma alteração que fiz no léxico estabilizado: quando Saussure dizia *sujet parlant*, os tradutores brasileiros optaram por uma variação entre indivíduo e falante, entre outros. Optei por fixar a tradução em sujeito falante, que acredito ter hoje uma relevância teórica inexistente em 1970.

JU – O que o levou a estudar Saussure e como essa biografia de John E. Joseph o ajudou na sua pesquisa?

Bruno Turra – Saussure foi uma redescoberta. Um autor hoje restrito ao primeiro semestre dos cursos de letras deixou, em meu doutorado, de ser apenas uma referência histórica (o tal “pai da linguística”) e passou a ser um operador teórico. Retornar a Saussure, na ronda de seus ditos – os manuscritos, os cadernos dos alunos, o *Curso de Linguística* –, mostrou-me sua atualidade.

Para minha pesquisa em particular, e também como psicanalista, retomar a noção de significante, a teoria do valor e fundamentalmente o que ele chama de sujeito falante definiu o que veio a ser minha tese sobre a escrita. Esse movimento de (re)tomar Saussure como operador teórico para pensar questões de linguagem contemporâneas vem sendo construído no Brasil há algumas décadas nas obras de vários pesquisadores, entre as quais destaco o trabalho da professora Cláudia de Lemos e a posterior criação do Grupo de Pesquisa em Aquisição da Linguagem (GPAL) da Unicamp pelas professoras Maria Fausta Pereira de Castro e Rosa Attié Figueira e o do Grupo de Pesquisa F. de Saussure da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), coordenado pela professora Eliane Silveira e que reúne estudiosos do Brasil todo.

A biografia auxiliou-me na pesquisa não apenas por revelar traços da pessoa de Ferdinand de Saussure, mas por permitir uma leitura diacrônica (já que somos saussurianos) de sua pesquisa. Acompanhar a construção teórica de Saussure até chegar aos cursos ministrados em Genebra sobre linguística geral coloca-nos em uma outra relação de leitura com o próprio Curso de Linguística, dando-nos a ver elementos que mesmo ali não eram lidos desde sua publicação.

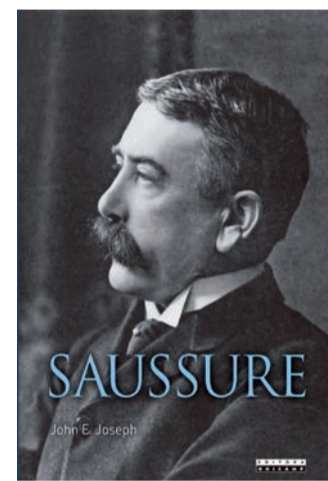
JU – Qual a importância de termos esse título traduzido para a língua portuguesa?

Bruno Turra – Como disse anteriormente, trata-se de uma obra de referência. O trabalho monumental de Joseph ultrapassa o que poderíamos chamar de biografia. Trata-se de uma extensa e aprofundada pesquisa sobre a vida do linguista Ferdinand de Saussure, apresentando-nos de forma bem documentada um intelectual inquieto da virada do século XIX para o século XX, sem recorrer a interpretações fáceis e psicologizantes. O livro *Saussure* vai muito além do romance individual desse grande linguista. Há ainda um denso trabalho teórico que fornece as condições de produção responsáveis por permitir ao linguista realizar os avanços teóricos pelos quais ficou conhecido.

JU – Com a intenção de despertar o interesse do leitor, qual passagem da vida de Saussure, narrada nesse livro, você destacaria?

Bruno Turra – As esquisitices costumam chamar a atenção, então destaco a passagem em que Saussure é convidado a participar de sessões espíritas para decifrar a língua falada por uma mulher que dizia incorporar desde deuses versados em sânscrito a marcianos. Ou ainda quando o linguista é convidado a falar sobre as relações sinestésicas das palavras, – quando essas palavras despertam a sensação de cores ou odores no falante.

No entanto, longe de serem (apenas) esquisitices, essas passagens mostram um pesquisador da linguagem incansável e de uma bastante refinada curiosidade em relação ao fato linguístico. Saussure cativa não apenas pela genialidade de sua teorização, mas – e eu diria sobretudo – pela forma apaixonada como se lança ao estudo da linguagem, sem empurrar migalhas para debaixo do tapete, ainda que venham de Marte.



Título: Saussure
Autor: John E. Joseph
Edição: 1ª
Ano: 2023
Páginas: 904
Dimensões: 16 x 23 cm

LANÇAMENTOS



**PELO PRISMA RURAL:
ENSAIOS
DE LITERATURA
BRASILEIRA**

Fernando Cerisara Gil

Páginas: 304

Dimensões: 14 x 21 cm



**PROJETOS DE
MATEMATIZAÇÃO
DA LÓGICA**

**Rafael da Silva
da Silveira**

Páginas: 200

Dimensões: 14 x 23 cm



**SUSTENTABILIDADE
E GESTÃO**

**Gustavo H. Salati
M. de Moraes
e Rosley Anholon
(orgs.)**

Páginas: 200

Dimensões: 14 x 21 cm

Ciência e tecnologia a serviço da inclusão

Pesquisadores investigam o papel e o impacto do movimento maker na sociedade

CRISTIANE KÄMPF
Especial para o *Jornal da Unicamp*

No início de 2020, enquanto o governo brasileiro negava a gravidade da pandemia de covid-19 e trabalhava para confundir a população, esconder o número de óbitos e ignorar a falta de equipamentos de proteção individual para profissionais de saúde, o coletivo Makers Contra a Covid-19 mobilizou uma rede colaborativa de profissionais e apoiadores e realizou campanhas de produção de escudos faciais com impressoras 3D e máquinas de corte a laser. Em dois meses, por meio de tecnologias colaborativas, foram produzidas mais de 7 mil unidades do produto. Os escudos chegaram gratuitamente a diversos hospitais públicos de São Paulo – ou seja, por meio de uma ação coletiva, os makers colaboraram para minimizar os danos provocados pela pandemia, enquanto vários governantes faziam o oposto disso.

Esse caso envolvendo a covid-19 exemplifica a possibilidade de formarem-se no Brasil, por meio de tecnologias inclusivas, comunidades resilientes, tema analisado pelo pesquisador Rafael de Brito Dias, docente da Faculdade de Ciências Aplicadas (FCA) da Unicamp, no artigo “Tecnologias inclusivas e tecnologias engajadas: o que nos ensina o movimento maker?”. O trabalho aparece como capítulo no livro *Engenharias e outras práticas técnicas engajadas – diálogos interdisciplinares e decoloniais*, publicado em 2022 pela Editora da Universidade Estadual da Paraíba.

Em parceria com Adrian Smith, professor de tecnologia e sociedade na Universidade de Sussex (Reino Unido), o pesquisador da Unicamp também ana-

lisou o potencial de inclusão social do movimento maker no país com o trabalho *“Making in Brazil: can we make it work for social inclusion?”*. O termo maker, do verbo em inglês *to make* (fazer), remete a uma cultura que pretende incentivar as pessoas a fabricarem, reformarem, modificarem seus próprios utensílios.

Os dois trabalhos inserem-se no campo acadêmico dos estudos sociais da ciência e da tecnologia (ESCT), que investiga o papel e o impacto da ciência e da tecnologia na sociedade, com uma abordagem crítica e reflexiva. Esse campo emergiu nas últimas décadas como resposta à crescente importância das tecnologias em todas as esferas da vida moderna e à necessidade de compreender suas implicações sociais, políticas, econômicas e culturais.

Esses estudos veem a produção científica e tecnológica e os próprios artefatos, instrumentos e infraestruturas técnicas como não-neutros – ou seja, analisam esses elementos como resultantes de projetos políticos, na medida em que resultados da ação humana e, portanto, carregados de valores morais, interesses (muitas vezes privados) e potencialidades. Esses fatores podem promover responsabilidade social, autonomia, colaboração e pensamento crítico ou fomentar dependência, individualismo, competitividade e consumismo acrítico.

Nos artigos citados acima, o movimento maker brasileiro e alguns *fab-labs* (abreviação do termo em inglês para “fabricação-laboratório”) da cidade de São Paulo são examinados como potenciais catalisadores de posturas mais críticas – ou mesmo subversivas – por parte de indivíduos e grupos frente ao modelo atual de produção e consumo de tecnologias.

“Trata-se de locais onde há uma forma particular de fabricação, centrada em indivíduos e coletivos, com o emprego de ferramentas específicas e em espaços compartilhados, com arranjos colaborativos. Muitas vezes, estamos diante de cidadãos que buscam, com a tecnologia, responder a problemas e desafios que nem sempre são efetivamente tratados pelo Estado ou pelo mercado”, observa Dias.

Tais iniciativas, segundo o pesquisador, merecem atenção da academia, pois constituem atos políticos – ainda

que, por vezes, não intencionais. “Certas experiências do movimento maker convertem a tecnologia em espaço de disputa e configuram-se como iniciativas de ‘resistência sociotécnica’, pois desenham novas formas de organização do trabalho e da produção a fim de permitir um melhor aproveitamento do imenso potencial criativo latente na sociedade, no sentido de gerar respostas a problemas, necessidades e emergências.”

Em parceria com outros pesquisadores da Universidade, Dias também examinou as controvérsias e o imaginário sociotécnico presentes nas políticas públicas que deram origem ao Cadastro Único para Programas Sociais e ao Programa Minha Casa, Minha Vida. As análises integram os artigos “O Cadastro Único: a consolidação de uma infraestrutura para programas sociais” (*Revista de Ciência Política Teoria & Pesquisa*) e “A Sociotechnical Analysis of the Infrastructure of the Minha Casa, Minha Vida Program” (*Revista Universitas Humanística*).

Tecnociência solidária

A agenda de pesquisa que contribui para o avanço dos ESCT conta com vários defensores na Unicamp, entre os quais o professor Renato Dagnino, do Instituto de Geociências (IG).

O docente criou o conceito de tecnociência solidária, desenvolvido no livro *Tecnociência Solidária – um manual estratégico*, obra publicada pela editora Lutas Anticapital e disponível para download gratuito na internet. Dagnino propõe que a tecnociência solidária – em oposição à tecnociência capitalista – seja a “plata-

forma cognitiva para o lançamento da Economia Solidária”, que engloba experiências contra-hegemônicas de organização da produção e consumo de bens e serviços baseadas na propriedade coletiva dos meios de produção e na autogestão.

Entre os exemplos dessas experiências no Brasil, estão as fábricas ocupadas (como a Flaskô, em Sumaré), as cooperativas de catadores, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), as incubadoras tecnológicas de cooperativas populares e outras iniciativas de empreendimentos solidários que promovem a autonomia dos trabalhadores frente ao capital e a geração de trabalho e renda pelos mais pobres.

Segundo Dias, na atualidade, a produção de conhecimento se dá pela pesquisa tecnocientífica com o objetivo, essencialmente, de produzir bens e serviços, e as grandes empresas definem as agendas de pesquisa e ensino, ou seja, a política cognitiva, mesmo em instituições públicas. O professor defende uma reconfiguração do ensino de tecnociência e um olhar mais atento e crítico em relação às agendas de ensino, pesquisa e extensão que imitam as de países do centro do capitalismo.

Dagnino e Dias chamam atenção para o fato de o livre mercado não criar inovações e tecnologias úteis para todos e dizem faltar direcionamento e financiamento para que as políticas públicas de ciência e tecnologia atendam aos interesses comuns da sociedade.

O mais grave, segundo os dois, é que a confiança depositada atualmente na ideia da inovação como motor do desenvolvimento nos faz renunciar à possibilidade de agir coletivamente no presente para construir o futuro desejado, entregando, assim, a construção desses caminhos para o mercado.

O artigo pode ser acessado em https://www.pimentalab.net/wp-content/uploads/2022/08/Engenharias_Engajadas_Decolonial_Volume3_2022.pdf ou pelo QR code abaixo:



Escudo facial produzido e doado pelo coletivo maker pernambucano 3D durante a pandemia de covid-19



O professor Rafael de Brito Dias: novas formas de organização do trabalho e da produção



O professor Renato Dagnino: em defesa de uma reconfiguração do ensino de tecnociência

Fotos: Antonio Scarpinetti

Foto: Coletivo 3D

História (re)contada em azulejos

Pesquisadora analisa a tipologia e a simbologia de painéis em cinco monumentos paulistas

MARIANA GARCIA
marianagarcia@unicamp.br

No início dos anos 1920, Washington Luís, então presidente do Estado de São Paulo, encomendou a construção de uma série de monumentos para comemorar o primeiro centenário da independência do Brasil. Dentre as edificações remanescentes, cinco possuem painéis de azulejo, com a representação de cenas históricas. Essas obras constituíram o foco da pesquisa de doutorado realizada por Renata P. C. Monezzi no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Unicamp, com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e apoio do banco Santander. A tese “Azulejos na arquitetura paulista: das artes decorativas às artes industriais” destaca os símbolos usados para forjar uma história, expondo narrativas conflitantes.

O estudo integrou a linha de pesquisa Cultura Visual, História Intelectual e Patrimônios, uma das frentes de investigação do Programa de Pós-Graduação em Política, Memória e Cidades do IFCH. Sob orientação da historiadora Cristina Meneguello, professora do Departamento de História do instituto, Monezzi analisou a tipologia e a simbologia dos azulejos e dos painéis pintados no Largo da Memória (no centro da cidade de São Paulo) e em outras quatro edificações distribuídas por uma antiga estrada localizada entre a capital e o litoral sul do Estado, a Rodovia Caminho do Mar. Cada monumento possui um nome: Cruzeiro Quinhentista, Pouso Paranapiacaba, Marco de Lorena e Rancho da Maioridade.

“Uma vez que as margens do Rio Ipiranga entraram para a história oficial como o local onde dom Pedro I anunciou a independência do Brasil, em 1822, São Paulo se impôs como berço da nova nação e passou a encampar uma série de iniciativas para comemorar o centenário do marco. Decidiu-se, então, contar essa história no espaço público, utilizando figuras, com base na ideia de que ver uma imagem é mais forte do que ler [um relato]”, resume Meneguello. Para projetar o conjunto de monumentos, foi escolhido Victor Dubugras, arquiteto francês radicado no Brasil. Já o artista plástico José Wash Rodrigues desenhou as cenas retratadas nos painéis e as estampas dos azulejos encontrados nas composições gráficas vistas na margem e no verso das obras.

A pesquisa teve início com um estudo sobre a história da arquitetura brasileira e do uso das artes decorativas (incluindo louças e azulejos) por diferentes estilos. E incluiu uma análise do impacto da evolução técnica e teórica na área no período compreendido entre meados do século XIX e o início dos anos 1900, trazendo uma “significativa contribuição para a história da azulejaria no Brasil, da produção ao seu emprego nos espaços público e privado”, observa Meneguello.

Monezzi notou que o uso da azulejaria no projeto ocorreu de maneira a integrá-la aos monumentos, sendo pensado como algo essencial para a transmissão dos ideais defendidos na época. “Trata-se de uma arquitetura potente, pois inserida em uma ideia de produção, progresso e soberania de São Paulo, que agregava elementos da nossa história: os azulejos.”



Painel no Rancho da Maioridade, na Rodovia Caminho do Mar: “desaparecimento” de Dom Pedro II e de seu exército imperial



Foto: Mariana Ginese

Detalhe do painel do Monumento Cruzeiro Quinhentista após restauro da década de 1980

Parte do seu trabalho ocorreu na Universidade Ca' Foscari (Itália), onde a hoje doutora em história conduziu uma investigação sobre as origens e as influências dos ceramistas contratados pela Fábrica Santa Catharina, a primeira do Brasil de louças finas – e local da queima dos azulejos estudados. Em São Paulo, Monezzi analisou documentos, objetos, jornais, revistas e catálogos de exposições industriais, em acervos de museus, bibliotecas e arquivos. Com base no que coletou, conduziu uma análise comparativa entre os registros do passado, as estampas dos azulejos e as cenas pintadas nos painéis atuais.

Os azulejos dos monumentos representaram uma inovação completa, pois, até aquele momento, as estampas das louças se limitavam a dois motivos, florais e geométricos, seguindo o padrão europeu. No doutorado, Monezzi encontrou imagens não apenas comuns, mas que projetavam uma versão peculiar da história de São Paulo. “O brasão das armas do Estado foi usado para criar um dos padrões desenhados nos azulejos. Algo inédito.” A flor do café e o bandeirante – personificação do paulista bem nascido e educado, porém destemido e despojado – também constam de uma narrativa criada para exaltar São Paulo como protagonista da formação da nação e motor do progresso. Nas pinturas dos painéis, essa história aparece em cenas como a de um encontro pacífico entre o padre Anchieta e indígenas ou ainda a de um tenso embate entre os bandeirantes e os povos originários.

Enquanto conduzia sua pesquisa, a arquiteta notou que algumas das pinturas atuais não correspondiam aos desenhos de Rodrigues. Ao buscar por fotografias do período para fazer uma acareação, Monezzi encontrou imagens dos anos 1920 impressas em exemplares d'A Revista Estrada de Rodagem e preservadas no acervo da família Dubugras. Segundo suspeitava, as modificações feitas, sobretudo nas décadas de 1960 e 1980, não se limitaram a alterar o traço original, mas haviam transformado algumas cenas por completo, adicionando personagens que não existiam antes ou apagando partes inteiras.

Duas das mudanças mais expressivas encontram-se em Cubatão – no Rancho da Maioridade e no Cruzeiro Quinhentista. No primeiro, Rodrigues havia pintado Dom Pedro II com seu exército imperial, em uma cena representativa do momento da passagem do imperador pela estrada, reformada poucos anos após o golpe da

maioridade – episódio que antecipou sua coroação como imperador.

“Embora as revistas da época registrassem que era ele quem estava desenhado, no painel que eu olhava, Dom Pedro II não existia. O desenho de José Wash Rodrigues havia desaparecido. O exército imperial também. Todos viraram bandeirantes”, diz a pesquisadora. Ao apagar o monarca e valorizar os sertanejos, essa modificação produziu uma nova e diferente narrativa, concluiu.

Ainda mais expressiva mostrou-se a transformação no Cruzeiro Quinhentista. Em seus três painéis, Monezzi observou diferenças significativas em relação à construção dos anos 1920, sobretudo no que diz respeito à superioridade dos bandeirantes em relação aos indígenas.

“Consegue-se ver o poder. Na representação original, havia um bandeirante caído, morrendo. Agora, há um que está carregando uma arma. São alterações que mostram ter havido uma mudança de interpretação [sobre os fatos históricos] ao longo do tempo”, diz a pesquisadora, refletindo sobre o significado da construção de uma narrativa histórica. “Os edifícios foram feitos no início do século XX para representar uma ideia de passado. Seus signos e elementos permitem fazer uma leitura atual sobre o que é essa história e esse herói, sobre o contexto em que foram produzidos e sobre quais ideias desejava-se preservar.”

A descoberta surpreendeu até mesmo especialistas do Museu Paulista que trabalhavam com o acervo consultado, revela Meneguello. A professora do IFCH pondera que, passados 60 anos desde o centenário da independência, questões fundamentais à época do lançamento das obras perderam importância, o que favoreceu o surgimento de narrativas conflitantes.

“A história tem essa atualidade de mostrar que algo pode ser repetido tantas vezes que parece virar verdade, quando, na realidade, pode não ter sido sempre dessa forma. A Renata foi achar as fotos que confirmaram alterações das figuras no lugar mais improvável, a revista da Diretoria de Estradas de Rodagem. Essa é a força da pesquisa feita nas fontes primárias. Seu trabalho mostrou que uma história tida como sedimentada foi, na realidade, recontada.”



Renata P. C. Monezzi, autora da tese: azulejaria integrada aos monumentos foi essencial para a transmissão dos ideais defendidos na época

Foto: Divulgação